

PROCEDIMENTOS DE ENCAMINHAMENTO DOS ASSISTIDOS NOS TRABALHOS DA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL, SEGUNDO EDGARD ARMOND

Histórico Preliminar

No texto *Histórico dos Trabalhos de Curas Espirituais*, inserido no livro *Prática Mediúnica* (página 13 da 1ª edição, que agrupa vários textos), **Edgard Armond** narra que dentro da organização geral da Casa (refere-se à Federação Espírita do Estado de São Paulo), iniciada em **1940**, “os trabalhos de curas espirituais tiveram, desde o início, amplo e crescente desenvolvimento, por se tratar de **setor obrigatório das realizações evangélicas do Espiritismo, na sua qualidade de ‘O Consolador’ prometido por Jesus**” (destaque nosso).

Em **1944** procedeu-se a uma organização mais ajustada e específica, “com trabalhos independentes entre si, um para cada gênero de atendimento” (página 14 do mencionado livro). Visando a unificação das práticas doutrinárias espíritas, a FEESP encabeçou o movimento da unificação espírita estadual, em **1947**, levando Armond um assunto de alta relevância ao **Congresso de Unificação**, realizado na Capital de São Paulo, tal seja, **a padronização dos passes**, além de outras práticas doutrinárias. Nesse mesmo ano foi instituída a **Câmara de Passes** (não confundir com o lugar comum de aplicação de passes pelos encarnados). Em **1949** foram criados os chamados Trabalhos 1 (para o atendimento de perturbações de 1º grau) e 2 (para perturbações mais graves, de 2º grau).

No ano de **1950** foram criadas a **Escola de Aprendizes do Evangelho** e a **Escola de Médiuns**; esses dois órgãos educativos e iniciáticos formaram, consoante diz o Comandante Edgard Armond, o eixo de sustentação da Federação, “com amplos reflexos nos trabalhos de curas espirituais e no de Assistência Social” (pág.15 do mencionado livro). Nesse mesmo ano, o referido autor publicou a 1ª edição do livro *Passes e Radiações*, cuja matéria havia levado ao referido Congresso de Unificação. Em **1951**, reajustou-se o **trabalho de curas a distância**, à base de **vibrações coletivas**. Nesse mesmo ano, foi criado o **Curso Intensivo de Passes**, procedendo-se efetivamente à sua padronização, e o Trabalho 4, para perturbações materiais de fundo espiritual. Em **1954**, oficializou-se o chamado Trabalho 3 – **choque anímico**, para substituir as doutrinações de espíritos, impraticáveis em casas de grande movimento. No ano de **1956** foram institucionalizados os primeiros trabalhos do **Grupo Pasteur**: “o **Pasteur 1 (P1)**, para perturbações materiais, de fundo espiritual, e o **Pasteur 2 (P2)**, para perturbações espirituais específicas, ambos trabalhos privativos, executados com correntes magnéticas de base como, aliás, todos os demais, seguidamente criados, desse mesmo Grupo” (ainda o texto *Histórico dos Trabalhos de Curas Espirituais*, nas páginas 16 e 17 da 1ª edição do referido livro *Prática Mediúnica*; grifos nossos). Evidenciou-se que foi o **Espírito Pasteur** quem deu instruções específicas com relação a esses passes ao Grupo de Trabalho dirigido por Edgard Armond. Em **1957** foram organizados os trabalhos **Pasteur 3 (P3)**, “realizados por processos novos e atualizados, eliminados o misticismo e os excessos verbalísticos inúteis” (página 17 do referido texto), e, por fim, as aplicações **Pasteur 4 (P4)**, destinadas ao atendimento de crianças. Somente em **1963** foram criados os atendimentos **A Domicílio**. Em aperfeiçoamento ao texto do livro *Passes e Radiações*, alguns acréscimos foram feitos pelo Comandante ao texto original, em sua 2ª edição, em **1976**.

“Todos esses trabalhos foram projetados em entendimento com o Plano Espiritual Diretor da Casa, a cuja frente se encontra, desde os primeiros dias, o venerável mentor **Bezerra de Menezes**”, nos informa Edgard Armond à página 20 (realces nossos) da 1ª edição da coletânea *Prática Mediúnica*.

Entendemos importante esse histórico preliminar para que tenhamos a consciência de que antes do Comandante não existia Assistência Espiritual padronizada (e nem as escolas iniciáticas e cursos), sendo ele a pessoa mais categorizada, portanto, sobre o assunto.

1-O fundamental no tratamento espiritual é a EVANGELIZAÇÃO e o ESCLARECIMENTO, para que o livre arbítrio do ser possa ser acionado positivamente.

2- O passe age no efeito que a falta de esclarecimento e/ou o desleixo ante a conscientização anteriormente realizada, propicia.

3- Esse efeito pode ser mais físico ou mais espiritual, porém é sempre espiritual o fundo da questão.

Em *Passes e Radiações*, ensina Armond (no capítulo 7) que as **moléstias não-curáveis** “possuem um fundo mais íntimo e estão sempre ligadas ao panorama cármico individual, isto é, ao pagamento de dívidas do passado”; as **doenças curáveis** “são meras circunstâncias ocasionais, não radicadas a vidas anteriores; desajustes passageiros do metabolismo orgânico, por efeito de transgressões atuais. De qualquer forma, o culpado é sempre o indivíduo, sendo que as primeiras são imperativas, advêm da necessidade da própria evolução do Espírito, ao passo que as segundas podem existir ou deixar de existir, conforme o indivíduo cometa ou não as referidas transgressões contra a harmonia funcional da natureza física” (páginas 75/76 de sua 3ª edição; grifos nossos). E, prossegue (na página 76): “umas moléstias são do espírito, outras são do corpo, as primeiras representando os reflexos exteriores das imperfeições internas e sendo ao mesmo tempo o processo normal e justo da reabilitação, enquanto as segundas são simples reajustes passageiros. Esse reajuste, que se realiza no plano material, opera no espiritual os efeitos necessários ao progresso moral do indivíduo” (grifo nosso). **Quanto às moléstias cármicas, os resultados da medicina serão sempre relativos e precários, podendo no máximo atenuar o sofrimento físico**, porém, prossegue Armond, nas doenças da segunda espécie – distúrbios por efeito de transgressões momentâneas – terá a medicina um campo vasto de realizações e sucessos; “(...) conquanto haja manifestações anatômicas ou fisiológicas comuns, o fundo é sempre espiritual e as perturbações são controladas por agentes do plano invisível” (página 77; grifo nosso), finaliza.

No texto *Comentando Pensamentos Construtivos* (item 27), inserido no livro *Falando ao Coração* (1ª edição, página 65; fragmento também constante no item 27 do livro *Lendo e Aprendendo*), explica Edgard Armond: “A reforma íntima, quando feita em profundidade, dá ao discípulo o poder de curar em nome de Deus desde que, todavia, seja positiva sua evangelização estando, além disso, harmonizado com o débito cármico, trazido para esta encarnação. E desde que o doente **deseje a cura, tenha fé, e merecimento espiritual. Fora disso qualquer melhora será provisória**, tendendo a desaparecer porque, sem merecimento próprio, isto é, condições adequadas, o benefício é relativo. **Por isso todo trabalho de cura deve ser precedido de esclarecimento espiritual**” (grifos nossos).

4- Em Assim sendo é um contra-senso o passe se perpetuar indefinidamente, pois isso evidencia que se está tomando o efeito pela causa, abrindo-se mão de um método pela indisciplina, propiciando dependência invés de libertação.

5- A perpetuação do esclarecimento em si é salutar, porém dentro de um sistema de iniciação espiritual (numa EAE, por exemplo).

6- Se somos humanos e sujeitos a toda espécie de interferência vibratória, por vezes, por sintonização espiritual inferior, podemos necessitar da Assistência Espiritual.

7- Porém, a Assistência Espiritual deve ser um portal e não o caminho em si; é um primeiro passo no método de auto-libertação, e não um meio de escravização; é uma mola propulsora, um “dar o peixe”, em primeiro lugar e num primeiro momento (através do passe), para então, dar início (ainda que de forma tímida e mui relativa) a um processo de conscientização (através da preleção), ou seja, dar um primeiro passo no “aprender a pescar”, sendo que os demais só poderão ser dados pelo interessado, os quais serão melhor aproveitados num processo de iniciação espiritual, que extrapola em muito os estritos limites da Assistência Espiritual.

8- Assim é que a Assistência Espiritual não pode se prolongar, pois não deve ensejar a dependência do assistido.

Armond, em *Trabalhos Práticos de Espiritismo*, texto hoje inserido no livro *Prática Mediúnica*, em seu *Enunciado*, ensina que: “1º) O caráter essencialmente dominante do Espiritismo, neste final de período evolutivo, deve ser o religioso. 2º) A base religiosa das práticas espíritas é o Evangelho de Jesus Cristo e a promessa do Paracleto. 3º) Em seqüência, **sua finalidade principal é a evangelização dos adeptos, seu esclarecimento espiritual e a ação pelo amor universal.** 4º) Esse esforço de renovação íntima é imperativo e depende em grande parte da reforma íntima individual”.

Nesse sentido, analisando as finalidades gerais do Espiritismo, entendendo como finalidade principal a evangelização e o esclarecimento das almas, é que o texto reza que “ **todas as demais modalidades ou aspectos do problema são secundários ou decorrentes** ” (capítulo 1). Aliás, diz o Comandante, até “**o exercício da caridade material é finalidade secundária, decorrente da finalidade principal da Doutrina Espírita**”. Assim é que preceitua que **os trabalhos destinados a realizar a finalidade principal do Espiritismo são as sessões de estudos doutrinários, visando o esclarecimento intelectual e as sessões de evangelização, visando a reforma moral.** Armond inclui também os estudos doutrinários “porque o esclarecimento espiritual faz parte da evangelização” (capítulo 3), diz ele.

Em seu trabalho, *Espiritismo Religião Redentora*, contido no livro *O Espiritismo e a Próxima Renovação* (pág.59 de sua 1ª edição), o referido autor enfatiza essa divisão mencionada, especificando aquilo que serve à finalidade principal do Espiritismo e o que toca às finalidades complementares: “a **finalidade principal** não é, como pensa a maioria, realizar sessões, fazer caridade, conversar com os mortos, provocar fenômenos. **No campo individual é o esclarecimento e a reforma íntima, a espiritualização, a evangelização do adepto;** no campo coletivo, é a ação pessoal no bem do próximo, o serviço dando testemunho do Evangelho de Jesus tanto nos lares, como na sociedade em que vive, sem qualquer retribuição material” (destaques nossos). As **finalidades complementares**, prossegue, “são o aprendizado doutrinário, isto é, o conhecimento da

doutrina em seus aspectos filosófico e científico; **a assistência espiritual e material em todos os sentidos** e o intercâmbio com o Plano Espiritual pela mediunidade(...)”(realce nosso) .

Assim, os trabalhos da Assistência Espiritual são classificados por Armond, como destinados a realizar as finalidades secundárias do Espiritismo (conforme o capítulo 4 de *Trabalhos Práticos de Espiritismo*, in *Prática Mediúnica*). **Vale dizer, tratam dos efeitos e não da causa.** Em assim sendo, **devem servir à finalidade principal e não o contrário.** Daí porque o **passo não** pode se prolongar, sendo contraproducente se causa dependência e não auxilia o assistido **a combater ele mesmo a causa do problema.** Por isso diz o Comandante que, “o **passo**, como todos devem saber, não é agente autorizado e específico de curas, mas **agente auxiliar** de inegável valor” (in *Respondendo e Esclarecendo*, ao final da resposta à questão 314; grifos nossos).

Evidencie-se, também, a seguinte admoestação de Edgard Armond (conforme o texto *Curas Espirituais*, contido na obra *Prática Mediúnica*, pág.64/65 de sua 1ª edição): “**não esquecer que não depende de freqüência mais demorada o bom resultado do tratamento**, porque esse resultado também depende da cooperação do interessado, de sua capacidade de assimilação do tratamento, do seu desejo de se esclarecer espiritualmente e, ainda das circunstâncias cármicas (...)” (realce nosso).

9- Isto posto, estudemos o esquema procedimental dos passes na Assistência Espiritual:

- a) **O assistido chega à Casa Espírita. É encaminhado ao plantão. Conforme o capítulo 26 do livro *Passes e Radiações*, “as fichas serão preenchidas por entrevistadores capacitados, através de informações objetivas colhidas do doente” (grifo nosso). “As fichas (após um tempo mínimo de 48 horas do preenchimento) poderão ser encaminhadas para o Exame Espiritual. No primeiro dia que o assistido vai ao Centro, como não se sabe ainda qual o tratamento que irá receber, poderá tomar o P-2, que supre as alterações espirituais e também as materiais” (grifos nossos).**

Edgard Armond entende que os Espíritos não são “mágicos”, uns “sabem -tudo” só pelo fato de serem Espíritos. Logo, não é de imediato que podem aferir tudo sobre um determinado assistido. Embora os Espíritos que façam esse trabalho sejam superiores a nós em sua generalidade, estão aquém dos Anjos Guardiões dos doentes, aos quais não têm franco acesso, sendo que é da Lei cada qual caminhar com as próprias pernas, ou seja, eles podem pelo próprio trabalho chegar a conclusões precisas para cada caso (através de exames de aura, verificações perispirituais – inclusive por aparelhos sofisticados, que podem ser utilizados durante os desdobramentos do doente – estudo de sua ficha encarnatória no departamento competente etc.), sem necessariamente darem trabalho a Espíritos a eles superiores, os quais esperam que cada qual faça a sua parte.

Para se ter uma idéia desse trabalho, vejamos o relato de **Bezerra de Menezes**, em mensagem mediúnica a Armond (de maio/1958), inserida no livro *Edgard Armond, Meu Pai* (de **Ismael Armond**, em sua Segunda Parte: *Mensagens do Dr. Bezerra de Menezes*), o qual, descrevendo a Casa Espiritual construída sobre a FEESP e os trabalhos lá desenvolvidos, diz que, no segundo pavimento da mesma, estão os fichários completos

dos seus freqüentadores. “Para cada irmão encarnado que busca essa Casa” – diz ele – “levado por amigos espirituais, na maioria das vezes, é feita uma ficha completa, da qual constam os antecedentes a essa existência, as dificuldades que devemos vencer e o auxílio que poderemos prestar, sempre considerando a lei do carma”. E prossegue, “não tendo em nosso plano a burocracia dos departamentos assistenciais da Terra, atendemos com rapidez e igualdade a todos os elementos encarnados que nos buscam. Promovem-se todos os benefícios possíveis, inclusive o bem-estar material e os encaminhamos, de acordo com a boa vontade que manifestarem, a vários setores de trabalho e são todos conduzidos pela mão até o ponto que achamos útil ou necessário.” Diz também que noutra parte desse pavimento estão os setores de fichas dos colaboradores da Casa, dos alunos das Escolas de Aprendizes do Evangelho nos seus diversos graus, e dos Cursos de Médiuns; no que tange às Escolas, ensina que “quando se fazem os exames espirituais periódicos, já as fichas se encontram preenchidas com a respectiva classificação, não fazendo os médiuns mais que receber e transmitir informações nossas”.

Assim é que, no que tange ao exame dos doentes e à determinação do devido tratamento, os Espíritos encarregados desse trabalho, necessitam de um tempo mínimo, que Armond, com sua experiência no trato com a espiritualidade, fixou em 48 horas. Ressalte-se que no capítulo 27 do livro *Passes e Radiações* (pág.177 da 3ª edição), Armond ensina que, “os plantonistas devem considerar a necessidade de darem aos benfeitores espirituais, tempo suficiente para examinarem os doentes ou necessitados”, e que, “atendidas estas prescrições, os bons resultados do trabalho passam a depender da capacidade, maior ou menor dos médiuns em receberem as respostas dadas pelos espíritos benfeitores”.

Não havendo respeito ao prazo mínimo de 48 horas, necessário para a especificação do tratamento por parte do plano espiritual, os médiuns enfrentarão dificuldades na maioria dos casos, pois procurarão captar o que ainda não está necessariamente sendo emitido, por uma impossibilidade temporal.

Para que se não gerem dúvidas de interpretação, aliás, clarifiquemos que o termo “poderão”, no texto original, significa que após o dito prazo, as fichas já poderão, então, ir ao Grupo Mediúnico para o exame, e não que poderão ou não ir ao exame espiritual, pois esse entendimento seria contraditório com o que se fala a seguir, que o assistido poderá tomar o P-2 pois “não se sabe ainda qual o tratamento que irá receber”.

Ocorre que no livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, após o relato da questão dessas 48 horas, vemos o seguinte em nota de rodapé: “*Diversos Grupos Integrados têm adotado a prática de, no início do tratamento espiritual, encaminhar o assistido diretamente para o P-2, prática que tem comprovadamente apresentado bons resultados. Considera-se que, nos casos de perturbações espirituais o início é sempre pelo P-2; quanto a problemas de ordem física, uma harmonização espiritual previamente feita com o P-2 garante maior eficácia na aplicação de P-1 e P-3A*” (Capítulo 6: *Assistência Espiritual*; página 160 de sua 5ª edição, de fev/2000).

Conquanto seja procedimento usual de anos de diversos Grupos Integrados, entendemos que se faz mister a comprovação do alegado através de amostragem concreta em que, insofismavelmente, a série prévia de 4 vezes de P-2 teve por resultado uma “maior eficácia” na aplicação do P-1 e P-3A, pois só a experiência reiterada e com resultado conclusivo, como fazia o Comandante, com estatísticas, comprovariam o alegado. Armond, em sua costumeira modéstia, mas falando francamente em função de que, num mundo atrasado como o nosso nada é perfeito e acabado, o que, caso se pensasse diferente, contrariaria, inclusive, a Lei de Evolução, disse que os resultados dos trabalhos “Pasteur” têm sido bons, “conquanto devam ainda sofrer aperfeiçoamentos” (capítulo 11 de *Passes e Radiações*, página 96 da 3ª edição), e, em seu livro *Prática*

Mediúnica (em *Curas Espirituais*), repete essa frase (em sua página 50, 1ª edição), e acrescenta às páginas 41 e 42 que “não se afirma que o conseguido seja perfeito ou completo (e o que poderá haver com esse caráter?), sendo natural que haja futuras modificações, aperfeiçoamentos e desdobramentos; mas o que existe já oferece resultados satisfatórios, resiste a análises e, mais que tudo, vale como uma primeira e modesta tentativa de regulamentação de assunto de tal natureza e magnitude”; e prossegue: “esse conjunto de práticas, a nosso ver, poderá servir de base a novas e mais profundas experimentações, perfeitamente enquadráveis no Espiritismo que, como se sabe, é doutrina francamente evolucionista e progressiva, que incorpora o que vai com o tempo surgindo de verdadeiro e útil, tanto no conhecimento teórico como na prática”. E mais a frente, conclui: “dentro dessa liberdade natural é lícito, portanto, estudar, experimentar e aplicar processos, que se justificam não só pelos seus resultados como e principalmente pelos benefícios que conferem à multidão, cada vez mais numerosa de doentes, perturbados, desvalidos, aflitos e infelizes de toda espécie que procuram as Casas Espíritas”.

Ora, mas primeiro devemos fazer muito bem feito o que já existe, e padronizadamente (como é necessário no ideal de Aliança), para, então, de modo verdadeiramente científico (pois **esse é setor da Ciência Espírita**) se concluir nesse ou naquele sentido. É assim que o Comandante trabalhava, em estrita conformidade ao trabalho de **Allan Kardec** na elaboração da Codificação. Assim, quanto a questão apontada, se o resultado esposado por alguns Centros se comprovasse realmente, deveria ser estendido a todos os demais Grupos da Aliança. Mas será que em tão curto espaço de tempo já teríamos condições de aperfeiçoar a sistemática de um missionário como Armond, cuja tarefa foi endossada por um grupo, diríamos de elite da Espiritualidade Maior?

Essa alteração do trabalho desse nosso Irmão seria necessariamente um aperfeiçoamento? Essa prática foi experimentada por anos com resultados efetivamente conclusivos? Em bases lógicas e coerentes? Estava em consonância com o entendimento do Plano Espiritual superior através do resultado de diversos grupos mediúnicos sérios? Essa era a forma como o Codificador **Kardec** trabalhava. Era esse igualmente, o entendimento, por exemplo, do chamado por alguns de “o apóstolo científico do Espiritismo”, **Gabriel Delanne**, que sempre apoiou o Espiritismo “em realidades experimentais rigorosamente científicas”, conforme **Paul Bodier** e **Henri Regnault** (*in Gabriel Delanne – Sua vida, seu apostolado e sua obra*). Assim agia nosso Irmão Armond.

Diante do que foi o movimento por ele encabeçado, ousaríamos dizer que, se a aplicação do P-2, antes da ordenação dos passes “materiais” fosse realmente mais eficaz, Armond preceituaria o P-2 como o início de tratamento também para as moléstias materiais. Razão pela qual, até também pelo motivo de não mais prolongar um tratamento que não deve causar dependência, não obstante a permissividade do movimento de Aliança nesse sentido para alguns Grupos (o que não causa em verdade nenhuma contra-indicação “médica” – se podemos assim nos expressar – ao doente), entendemos que, na medida do possível devemos aplicar o P-2 no assistido enquanto “não se sabe ainda qual o tratamento que irá receber”, o que ocorrerá por uma semana ou duas no máximo (dependendo do dia em que o mesmo vem ao Centro e do dia em que se realiza o exame espiritual), já que tal passe simplesmente “supre as alterações espirituais e também as materiais”, como disse Armond, e não que confere maior eficácia ao tratamento para doenças materiais, cuja precedência institucionalizada seria inócua.

- b) Após o retorno da Ficha de Assistência Espiritual, são os seguintes os tratamentos possíveis: 1) seqüência específica de passes para moléstias materiais; e, 2) seqüência específica de passes para perturbações espirituais.

1) MOLÉSTIAS MATERIAIS

Diz Armond em *Passes e Radiações* (capítulo 26): “Nesses casos, os pacientes são encaminhados para o P-1 (série de 4 vezes) após o qual sua Ficha retornará para o Exame Espiritual. Se não houver melhora após o P-1, o doente poderá ser encaminhado para o P-3A, ou repetir o P-1, dependendo do Exame Espiritual”.

2) PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS

“Os casos de perturbações serão encaminhados para o P-2 (igualmente por 4 vezes), após o qual a Ficha voltará para o Exame Espiritual. Caso o paciente não tenha melhorado, de acordo com o resultado do Exame Espiritual, poderá ser encaminhado para o Choque Anímico e, por último, para o P-3B, sempre respeitando a seqüência lógica” (*Passes e Radiações*, cap. 26).

Vemos a possibilidade expressa de repetição do P-1 no item primeiro, dependendo do exame espiritual. Quando Armond diz (no item “2”), que “caso o paciente não tenha melhorado, de acordo com o resultado do Exame Espiritual, poderá ser encaminhado para o Choque Anímico” (grifo nosso), esse “poderá”, entendemos, tem sentido literal de possibilidade de repetição do P-2, em razão não da condição fática de o paciente não ter melhorado, mas sim **em função desse “poderá” estar condicionado “ao resultado do Exame Espiritual”**, pois se esse passe não pudesse ser repetido, não tendo o assistido melhorado, a única alternativa viável seria ser encaminhado diretamente para o CH (“sempre respeitando a seqüência lógica”), e, sendo uma alternativa única, não haveria a necessidade do exame do caso pelo Grupo Mediúnico. Se o exame espiritual é colocado como uma necessidade expressa por Armond, nesse caso, é porque existe a possibilidade de repetição do P-2 (assim como no caso do P-1).

Numa *interpretação sistemática* (analisando a ordenação dos passes de perturbações espirituais com o de moléstias materiais, que permite a repetição), a tendência seria concluir pela possibilidade de repetição dos passes que antecedem ao P-3B, e, numa *interpretação gramatical*, também concluiríamos pela repetição do CH, dentro da lógica do “poderá”, agora implícito na ordenação da frase: “(...) de acordo com o resultado do Exame Espiritual, poderá ser encaminhado para o Choque Anímico e, por último, para o P-3B, sempre respeitando a seqüência

lógica”, ou seja, quer expressar que poderá ser encaminhado para o CH e, por último, “poderá ser encaminhado”, para o P3B. Ora, se há mera possibilidade, é porque poderá também repetir o CH.

Contudo poderia pairar alguma dúvida nesse sentido, cabendo -se até, não obstante o nosso entendimento, uma interpretação divergente quanto à repetição do CH. **E ficaria ainda uma questão: o P3A e o P3B teriam a possibilidade de repetição?** Absolutamente nada se infere que sim. Mas também nada se proíbe expressamente. Como fica a questão?

A dúvida se dirime no opúsculo *Curas Espirituais*, enxertado no livro *Prática Mediúnica* (página 64 da 1ª edição da coletânea), onde Armond, utilizando a terminologia “G”, de Grupo de passes, esclarece a questão: **“nas especializações G1, G2 e Choque Anímico o número de atendimentos suficiente pode ser normalmente oito vezes, e nas do Grupo 3 quatro vezes”**.

Ou seja, o atendimento em oito vezes, **na nossa esquemática procedimental**, significa **duas séries de quatro vezes**, vale dizer, **uma repetição**, e, **o atendimento de quatro vezes nos remete a uma única série (sem repetição)**. **Pelo que o P-1, o P-2 e o CH, têm a possibilidade de repetição, mas o grupo P-3 (A, B, C etc.), pelo menos em regra, não**.

Aliás, no livro *Passes e Radiações*, capítulo 14, no que toca ao **P-3A**, Armond também é expresso: **“o número de atendimentos, via de regra, é de quatro, os dois últimos destinados à consolidação do tratamento”** (pág.114 da 3ª edição).

Essa lógica está de acordo também com as suas palavras, no capítulo referente ao P-3B: “a intensidade dos tratamentos é gradativa, justamente para reduzir ao mínimo a chegada de doentes ao P -3 e nenhum doente deve ser submetido a este último tratamento diretamente, sem passar pelos demais, porque este tratamento é de reduzido rendimento” (conforme capítulo 15 do livro *Passes e Radiações*). “Reduzido rendimento” aqui, é em termos de tempo, ou seja, não se permite atender um elevado número de pessoas, pois se demora mais com cada uma delas. Evidente que não há perda de tempo para os casos que chegam ao P3B, tendo passado pelos demais passes da série, pois se vê que, com os passes que lhe antecedem, conseguindo -se a conscientização do assistido quanto à sua postura, poucos casos chegam ao P3B, consoante ensina Armond, e, dos que chegam, poucos necessitam de doutrinação. E mesmo os casos mais renitentes vão sendo profunda e devidamente tratados desde os passes iniciais da série, que são de alto rendimento. E o Comandante é claro nisso em várias passagens: **“a este trabalho”** – refere-se ao P3B (destinado às perturbações de natureza espiritual grave) – **“somente devem chegar os casos não resolvidos pelo P-2 e Choque Anímico, que eliminam a maior parte dos problemas de influência espiritual, não devem receber doentes que não tenham passado por esses trabalhos anteriores”** (também no capítulo 15 do mencionado livro); e, **“destinado”** – refere-se ao P3A – **“às perturbações materiais graves, não eliminadas com o P-1, sejam ou não de fundo espiritual”** (capítulo 14 do referido livro).

Vemos que a repetição aventada é possível quando “não houver melhora” do assistido e o exame espiritual o determinar. Pergunta -se: e o que acontece quando há melhora? Evidentemente, dá -se a **ALTA**. A recomendação de Armond é expressa nesse sentido, quando diz (na matéria *Questões Práticas*, inserida no livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, capítulo 6, página 173 da sua 5ª edição): “Como regra, todos os atendimentos espirituais se processam dentro de uma série, numa ordenação. É um método integral de ações conjuntas, umas

completando as outras. Se o assistido se restabelece, por exemplo, no meio da série, nesse ponto o tratamento termina, caso contrário irá até o fim, isto é, para casos materiais irá até o Pasteur 3A e para os casos espirituais irá até o Pasteur 3B (...)” (grifo nosso).

No referido trecho, “série” significa a ordenação de passes específicos (P2, CH etc), que têm nela o seu momento certo (assim, “meio da série” significa, terminado o P2, ou o CH, por exemplo), compondo-se cada qual deles de uma “série” de aplicações (aqui a acepção é mais restrita) que perfaz quatro vezes (um por semana), passível de repetição eventualmente (mais quatro semanas).

E no mesmo texto, prossegue Armond: “Nenhum tratamento deve ser iniciado fora da série e nenhuma repetição deve ser feita em meio ao tratamento. A repetição de um tratamento isolado, por exemplo, de choque anímico não é aconselhado por ser inútil (...)” (pág.174; grifo nosso). A frase, à primeira vista contraditória com o que o Comandante exaustivamente já disse, em verdade só corrobora o que foi ensinado. Vale dizer, cada série de passes (quatro vezes, um por semana), diante do que já foi dito expressamente nas várias passagens mencionadas, é cabível no seu momento próprio, podendo haver uma única repetição (mais quatro vezes, um por semana), que faz parte desse “momento” específico. Ou seja, após o momento do choque anímico (que pressupõe a aplicação de uma ou no máximo duas séries), vem o P3B (passe de uma série única), após o qual seria incabível o assistido voltar a repetir o choque, **isoladamente**, cujo momento já passou. Disso não advém nenhum prejuízo, porém **“não é aconselhado por ser inútil”**.

Todo e qualquer tratamento deve, pois, iniciar-se ou pelo P1 (moléstias materiais) ou pelo P2 (perturbações espirituais), seguindo sua ordenação até o final, sendo incabível a repetição de séries (em sentido estrito) fora do momento próprio, isoladamente, em meio ao tratamento ou ordenação (série em sentido amplo).

Nesse sentido, em matéria de **Jacques André Conchon** (então Diretor Geral da Aliança Espírita Evangélica) inserida no **“Vivência”** (capítulo 6, página 175/176 da 5ª edição, sob o título *Ainda Sobre o P-3*), a qual foi revisada por Armond, diante da pergunta feita num “Encontro de Dirigentes” em Araraquara, sobre se “durante a aplicação do P-3B é indispensável que se aplique o P-2”, Jacques responde que, “segundo o texto do livro Passes e Radiações, conclui-se que a aplicação do P-2 durante o método do P-3B pode ser dispensada”. E o Comandante Armond acrescentou: “O P-2 é o primeiro tratamento que se aplica nos casos de perturbações espirituais; o ‘choque anímico’, o segundo e o P-3B o terceiro e último. Esta é a seqüência natural. Portanto, o P-2 foi indispensável no princípio, quando era a sua vez e nada mais tem a ver com as aplicações seqüentes desta série”.

Ou seja, a eventual repetição de um dos passes que não do Grupo P-3, é possível, se determinada em exame espiritual e dentro do momento certo de sua aplicação, ensejando inutilidade se imiscuir com as aplicações seqüentes das séries seguintes.

c) **Temos, assim, o seguinte esquema procedimental de atendimentos ordenados:**

Após o prazo mínimo de 48 horas, a ficha vai ao Grupo Mediúnico (até o resultado do exame espiritual, o assistido tomará o P-2, que supre as alterações materiais e espirituais).

Acusando o exame a necessidade de tratamento objetivando **PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS**, o esquema é o seguinte: **P-2**; após a série, *se há o restabelecimento, aí termina o tratamento*; se não melhorou a ficha volta ao **Grupo Mediúnico**, podendo-se indicar novamente o P-2 ou o CH. **Em sendo o Pasteur-2 a opção aventada em exame espiritual**, *se há o restabelecimento após a série, fim do tratamento*, se não, o plantonista remete o assistido **diretamente** para o **CH**; *ocorrendo o equilíbrio, fim do tratamento*, se não, a ficha volta ao **Grupo Mediúnico**, que indicará ou o CH novamente ou o P-3B; em caso de **P-3B**, *realizada a série, aí termina o tratamento*; se **CH**, *em havendo o restabelecimento, termina o tratamento*, caso contrário, o plantonista **diretamente** remete o assistido para o **P-3B**, *e aí o tratamento se encerra*. **Em sendo o Choque Anímico a opção aventada em exame espiritual** (quando da possibilidade da repetição do P-2), segue-se o mesmo esquema já descrito.

Acusando o exame a necessidade de tratamento objetivando **MOLÉSTIAS MATERIAIS**, o esquema é o seguinte: **P-1**; após a série, *se há o restabelecimento, aí termina o tratamento*; se não melhorou a ficha volta ao **Grupo Mediúnico**, podendo-se indicar novamente o P-1 ou o P-3A. **Em sendo o P-1 a opção aventada em exame espiritual**, *se ocorre o restabelecimento, é o fim do tratamento*; se não melhorar, vai **diretamente**, pelo plantão, ao **P-3A**, *e aí termina o tratamento*. **Em sendo o P-3A a opção aventada, após a série, dá-se o término do tratamento**.

- d) **Essa é a regra geral**. O tratamento pode durar um único mês, caso o assistido melhore após a série inicial de quatro semanas. Para o caso de **perturbações espirituais** o tratamento com os passes durará, caso o assistido passe por toda a ordenação (chegando ao P-3B), de três (3) até no máximo cinco (5) meses. Para o caso de **moléstias materiais** o tratamento durará, caso o assistido chegue ao P-3A, de dois (2) até no máximo três

(3) meses. Enquanto regra geral que é, deve solucionar, pelo menos, cremos, mais de 70% dos casos.

- e) **Ressaltamos, no que toca ao P3A, que “em todas as doações, a corrente deve utilizar a cromoterapia na forma e nos limites determinados pelo operador e de conformidade com as instruções para esse uso” (conforme pág. 114 do capítulo 14 do livro *Passes e Radiações*, 3ª edição). Vide, nesse sentido, *Psiquismo e Cromoterapia*, do mesmo autor.**

10- AS SESSÕES DOUTRINÁRIAS devem complementar a situação de alta, propiciando um mais profundo esclarecimento espírita evangélico, fornecendo mais segurança ao assistido que deve caminhar por si, com uma postura relativamente renovada, implementando até a transição natural entre a Assistência Espiritual e os Cursos que a Casa oferece, notadamente, a Escola de Aprendizes do Evangelho.

As Sessões Doutrinárias “constituem um programa simplificado para exposição de conceitos básicos espíritas, dirigidos às pessoas que concluem uma fase de tratamento espiritual na Assistência Espiritual”, cujos objetivos são “promover o auto-equilíbrio dos assistidos através do esclarecimento espírita evangélico” (conforme o *Vivência do Espiritismo Religioso*, capítulo 6, página 181 de sua 5ª edição).

Conquanto procedimento não criado por Edgard Armond, vemos no livro *Prática Mediúnica* (no texto *Trabalhos Práticos de Espiritismo*, capítulo 3, página 96 da 1ª edição), que ele elenca como trabalhos práticos destinados a realizar a finalidade principal do Espiritismo, as **Sessões de Estudos Doutrinários** (visando o esclarecimento espiritual) e as **Sessões de Evangelização** (visando a reforma moral). E ele enfatiza: “**incluímos neste capítulo os estudos doutrinários porque o esclarecimento espiritual faz parte da evangelização**”.

Vemos que Armond, nesse texto, reza que, como **são três os aspectos conhecidos e diferentes da Doutrina Espírita – ciência, filosofia e religião** – “o ensino deve ser organizado de modo a que haja um conhecimento equilibrado, e nenhum destes diferentes aspectos deve ser desprezado” (página 97), porém, enfatiza que **deve haver predominância do aspecto religioso**. Tendo em vista que já estava estruturada a Escola dos Aprendizes do Evangelho quando da elaboração desse texto, no que tange à criação dessas **Sessões de Estudos Doutrinários e de Evangelização**, nosso Irmão Edgard parece se preocupar com os agrupamentos espíritas pequenos, sem recursos, inclusive os familiares e/ou domiciliares, que não têm trabalhos padronizados e nem como manter escolas estruturadas e regulares, pois diz (no que tange às sessões de estudos doutrinários) que, “se os Centros e Agrupamentos Espíritas domiciliares preferirem se valer de programas já organizados, poderão adotar nos seus trabalhos os livros da série denominada Iniciação Espírita, editada pela FEESP em 1950, reformulados e atualizados pela Aliança Espírita Evangélica, em 1974, que, desses três aspectos doutrinários, oferece resumos tirados das aulas dadas nas Escolas de Aprendizes do Evangelho, criadas justamente para orientar a evangelização dos espíritas que aspiram por progressos espirituais mais rápidos e de finitivos” (págs.98 e 99).

Quanto às sessões de evangelização, prossegue, as mesmas visam o conhecimento teórico dos Evangelhos, com leitura e interpretação e as realizações íntimas de renovação, abordando nessa linha questões que já se bateu no livro *Passes e Radiações* e no *Guia do Aprendiz*,

como a conduta consigo mesmo (higiene do corpo físico, alimentação, repouso, distrações, vícios, defeitos morais e paixões), a conduta no lar e a conduta na sociedade. “No estudo direto dos Evangelhos as interpretações devem ser feitas de forma simples e lógica, sem divagações inúteis, buscando sempre a aproximação com o sentido espiritual do texto lido”, ensina o Comandante; e, continua: “as interpretações devem ser sempre feitas tendo em vista, objetivamente, os postulados fundamentais do Espiritismo” (página 101). E ressalta: “o esforço dos adeptos, no sentido da reforma íntima, deve ser acompanhado e orientado pelo diretor dos trabalhos de forma objetiva e direta, com exercícios destinados ao desenvolvimento de faculdades psíquicas” (pág.115). E prossegue, na mesma página: “recomendamos, para este trabalho, o método usado na Escola de Aprendizes do Evangelho, cujos resultados têm sido magníficos”. E deixa claro que todos os demais trabalhos práticos são destinados a realizar as finalidades secundárias da Doutrina.

Como temos estruturado o Curso Básico do Espiritismo e a Escola de Aprendizes do Evangelho (bem como, no que toca às crianças e aos jovens, os trabalhos de Evangelização Infantil e de Mocidade Espírita), temos aí a essência e a finalidade principal da Doutrina Espírita, que é a evangelização e o esclarecimento. Contudo, um amálgama simplificado das referidas sessões de estudos e de evangelização para facilitar o entendimento e a manutenção do equilíbrio do assistido adulto após os passes, atuando mais na origem de seus males que nos efeitos, e, ainda notando que Armond sugere um esquema (com cerca de 90 minutos) para essas sessões, o qual “*pode ser modificado segundo as conveniências de cada Centro*” (página 99), temos para nós, aí, um fundamento para as chamadas Sessões Doutrinárias (com os seus 45 minutos).

O esquema básico das sessões de estudo doutrinário e de evangelização é: prece de abertura, vibrações, leitura e interpretação de texto marcado para o dia, perguntas e respostas para esclarecimento do texto lido, eventual intercâmbio mediúnico e, prece de agradecimento. O esquema das Sessões Doutrinárias (consoante o livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, pág.182 da edição referida) é ainda mais simples: “preparação simplificada, idêntica à da Preleção Evangélica”, “exposição do tema programado” e “encerramento simplificado, tal qual o da Preleção Evangélica”, inexistindo intercâmbio mediúnico. **Em sua essência, pois, poderíamos dizer tratar-se de um Evangelho no Lar**. O estudo do Evangelho (aqui em temas) de forma simples, com diálogos, elucidações, preces e vibrações, sem discussões, esclarece e toca o coração dos encarnados e desencarnados presentes.

Assim, em essência, como ocorre no lar onde se cultiva o Evangelho, que se torna protegido, pois é higienizado pela comunhão de pensamentos e sentimentos elevados, permitindo a influência de espíritos benfeitores, dando-se a doutrinação dos espíritos inferiores trazidos ao local, elevando-se o padrão vibratório das pessoas em geral, e, por conseguinte, do ambiente em si, auxiliando-se assim o Plano Espiritual na sua tarefa de iluminação do mundo (que tem aí um porto seguro para os bons espíritos que vêm a Terra com tarefas de auxílio), temos que as Sessões Doutrinárias, independente do benefício aos que delas participem, propiciam o fortalecimento espiritual do Centro Espírita .

E, partindo-se do pressuposto que os pontos da Doutrina são vistos sob a ótica evangélica, como na Preleção, porém, agora, sendo a abordagem ‘altamente dialogante’, tendo por objetivo “promover o auto-equilíbrio dos assistidos através do esclarecimento espírita evangélico” (“*Vivência*”, página 181), constituem-se essas sessões, desde que cumpram os objetivos, em tratamento espiritual. É, pois, uma oportunidade para verificar matérias doutrinárias sob a ótica do comportamento íntimo, à luz do Evangelho, atuando no equilíbrio momentâneo do ser. E é na medida em que se muda a postura global, de forma positiva (deixando -se para trás o homem velho), que esse equilíbrio perdura indefinidamente, na proporção da perseverança nessa nova postura de homem novo.

Ora, sendo em essência um Evangelho no Lar, e destes precisam todos, sempre, experientes ou não no Espiritismo, entendemos que, inclusive para os TRABALHADORES, alunos ou não, é perfeitamente cabível a participação nas Sessões Doutrinárias como complemento aos atendimentos com os passes a que, eventualmente, venham necessitar, pois

todos estamos ainda sujeitos, como participantes da Humanidade, a desequilíbrios e, portanto, à condição de assistidos. Ninguém é melhor que ninguém .

Contudo, alguns dirão, os alunos, e, principalmente os trabalhadores, já tiveram sua consciência despertada, pelo que não necessitam fazer as sessões doutrinárias. Teoricamente isso deveria estar certo, mas às vezes não é bem assim. Há muitos alunos que estão na Escola de modo “capenga” (malbaratam os conhecimentos iniciáticos, desprezam sua Caderneta Pessoal, não orando como devem, não lutando contra as más tendências como deviam etc. – o que pode ocorrer também com os trabalhadores na condição de discípulos), pelo que as SD poderiam ser um adjutório complementar. Ademais, os alunos que dela participassem, poderiam se constituir em suporte, sustentação ao dirigente das SD, auxiliando aqueles que nada sabem da Doutrina (com suas colocações e vibrações) e que chegam a Casa em busca de esclarecimento, bem como tal experiência serviria para desabrochar no íntimo dos alunos outros campos de trabalho. E mais, os alunos e, também os trabalhadores e discípulos que dela participassem em caráter complementar do tratamento espiritual, **por pelo menos uma série de quatro semanas**, estariam formando células (ainda que renováveis em seus membros) as quais em essência, se constituiriam em Grupo do “Evangelho no Lar” dentro do Centro Espírita (que maravilha!), que estariam vivenciando a fraternidade, entrelaçando companheiros de trabalhos diferentes que talvez nem se vejam normalmente, fortalecendo os laços espirituais e a sustentação espiritual da Casa.

De resto, ninguém é obrigado a participar das SD, assim como cada um persevera no tratamento espiritual até a sua alta, se quiser. Aliás, em regra, o trabalhador se cura mais pelo trabalho que pelo tratamento espiritual. Devemos estar conscientes de que temos de atacar a causa do problema e não unicamente os seus efeitos.

Não olvidemos que as SD se constituem em encontros que perfazem 18 semanas (pois são 18 temas que se repetem continuamente), **quatro meses e meio** em que os assistidos procuram manter o equilíbrio adquirido com os passes.

A partir do momento da alta nos passes e do encaminhamento às SD, pode-se até conferir um cartão com essa orientação ao assistido, não sendo cabível, entendemos, o controle por parte da Casa quanto à sua frequência às 18 sessões, que deve ser livre e espontânea, mesmo porque, com as atribuições da vida moderna, estamos sujeitos a faltas, e, em se faltando a uma ou duas das mencionadas sessões, o mesmo tema só seria repetido após dezoito semanas; ora, se as faltas se derem por volta do 9º ou 10º tema, por exemplo, seria incabível querer controlar se o assistido realizará daqui a mais quatro meses o tema ou os temas faltantes. Aí as pessoas estariam presas a uma regra que não teria razão de ser. Seria a regra pela regra, o que é incabível. Qualquer obrigatoriedade nesse sentido seria contraproducente. Tal significa que, em regra, não obstante sejam 18 (dezoito) os temas elencados que se alteram de forma rotativa, cada assistido deve permanecer nessas reuniões durante o tempo que entender necessário, devendo ser recomendado pelo plantão a frequência a *pelo menos quatro semanas ou quatro reuniões* (e quem quiser fazer mais, melhor; e, quem puder fazer todas, ótimo).

Assim sendo, os horários de SD não podem ser exíguos, para que todos possam comparecer às reuniões, o que **implica ser o ideal haver um trabalho de SD concomitante com cada trabalho de Assistência Espiritual.**

Evidentemente, o momento para se estruturar as SD com todos os trabalhos de Assistência ocorrerá na medida em que, nas sessões existentes, houver aumento substancial do número de assistidos, o que ocorrerá gradativamente com a revisão do esquema de encaminhamento dos assistidos aos passes, tal como idealizado por Armond.

Diante de toda a estrutura procedimental mencionada, **discordamos** do que consta no Capítulo 6 do livro *Vivência do Espiritismo Religioso*, no item “ALTA DO TRATAMENTO” (pág.161 da 5ª edição), que reza: “terminada a série de reuniões de Sessões Doutrinárias, será feita nova entrevista e a ficha encaminhada para consulta, podendo o assistido retornar aos Passes ou ser confirmada a sua ‘ALTA’”. Isso porque, em *primeiro lugar*, **havendo o restabelecimento do**

assistido o tratamento termina, seja em que momento for, como preceitua Armond. Assim, **se há o restabelecimento, não há porque a ficha ser encaminhada para consulta após as sessões**. Em *segundo lugar*, se há o retorno aos passes, estamos diante de uma situação de inutilidade do ponto de vista terapêutico-espiritual e de criação de dependência (pois o tratamento vai se prolongando sem razão de ser), eis que “**nenhuma repetição pode ser feita em meio ao tratamento**”, como diz o Comandante, pois “**a repetição de um tratamento isolado (...) não é aconselhada, por ser inútil**”.

Aliás, reforçemos o trecho anteriormente citado (na página 3 do presente), também do nosso Irmão Edgard (em *Prática Mediúnica*, no texto *Curas Espirituais*, pág.64/65 da 1ª edição): “**não esquecer que não depende de frequência mais demorada o bom resultado do tratamento, porque esse resultado também depende da cooperação do interessado, de sua capacidade de assimilação do tratamento, do seu desejo de se esclarecer espiritualmente e, ainda, das circunstâncias cármicas (...)**”. Portanto, **também essa colocação do livro *Vivência do Espiritismo Religioso* está em desacordo com os ensinamentos de Edgard Armond**.

Igualmente, vemos no tópico mencionado do mesmo livro (pág.161): “**o assistido será considerado em “ALTA” (suspensão dos passes quando atingir a situação de reequilíbrio) do tratamento assim que o exame espiritual o determinar e a entrevista o confirmar**”. Ora, vimos que há casos em que se dá a alta independente do exame espiritual, na própria entrevista. **Logo, esse preceito também está incorreto**, fazendo-se mister uma reformulação.

Todavia, alguém poderia ainda se questionar se, mesmo se achando bem, o assistido não poderia ter um envolvimento espiritual ou algum mal físico não percebido ou manifestado que poderia ser aferido em exame espiritual e que justificaria a continuação do tratamento.

Responderíamos que, como o passe age nos efeitos do mal em si, o prolongamento do tratamento não seria uma garantia de cura, pois em última análise, é a postura do ser que contribui positivamente ou não para a sua libertação. Todos temos que ser responsáveis por nós mesmos e andarmos com as nossas próprias pernas para açambarcarmos paz e felicidade.

Supondo-se existir ligações com um obsessor, eventual afastamento sem a mudança de conduta do obsediado, não resolveria o problema, pois ainda que se desse a regeneração do obsessor, o qual, então, não voltaria à cena, outros seriam atraídos pela baixa sintonia daquele, perdurando-se a situação. No caso de uma fascinação, se não houver a conscientização do obsedado, poderá tomar passes a vida inteira que o problema perdurará. Em se tratando de caso cármico, o momento do desligamento dependeria do Alto, pelo que o passe não daria resultado efetivo, ou, caso se desse a dissolução forçada da ligação, os prejuízos seriam maiores para ambos. **Kardec nos lembra que “em todos os casos de obsessão, a oração é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor”** (conforme o capítulo XIV, item 45 de *A Gênese*).

Em caso de doença cármica não detectada ainda na matéria física, o passe também nada poderia fazer, ficando-se na dependência do Plano Maior. Em sendo a doença ocasional, detectada no perispírito, nem assim haveria um determinismo quanto à sua manifestação no corpo denso, pois várias circunstâncias poderiam influir no desenrolar dos acontecimentos, alterando-lhe o prognóstico; pelo que, em sua consciência, jamais se poderia revelar ao assistido ser ele portador dessa ou daquela doença, pois propiciaríamos mais mal do que bem, sendo que o futuro a Deus pertence. Por vezes, é o tratamento médico que resolve um determinado problema e não o espiritual. E a Medicina, ressalte-se, também vem de Deus. E, se a cura puder ser realizada, assim se dará de uma forma ou de outra. Por isso diz o Comandante que o passe, embora agente de inegável valor, é agente auxiliar e não específico de curas (conf. ***Respondendo e Esclarecendo*, questão 314**, citada).

Assim, se o assistido se sente bem, não há justificativa plausível para que seja mantido nos passes. A questão fundamental a ser observada diz respeito ao seu esclarecimento e à sua evangelização, e é essa a justificativa para o seu encaminhamento às Sessões Doutrinárias. Não olvidemos que Deus não abandona ninguém. Supor o contrário, seria entender que só os que se encontram na Assistência Espiritual espírita se curam, quando isso não é verdade.

11- Estudada a regra geral dos procedimentos de encaminhamento dos assistidos aos diferentes passes, vejamos se são plausíveis EXCEÇÕES. Não obstante tudo o que exaustivamente se falou sobre dependência e libertação, ordenação e inutilidade de repetições fora das séries – chegando-se ao final da série P-3 (seja ela qual for), independente de como se sente o assistido, seria automaticamente lhe conferida a alta? Caberia ser sua ficha submetida a exame espiritual? E quais seriam as opções? Que procedimento adotar?

R: A regra é a não criação de dependência. Desde o início do seu tratamento, o assistido deve ser orientado a procurar andar com as próprias pernas, a agir no âmago do seu ser, a conscientizar -se que o passe age no efeito e não na causa do seu problema e que sua cura só depende dele mesmo. Nesse ínterim ouvirá falar e até virá a ser convidado, conforme o caso, a ingressar na Escola de Aprendizes do Evangelho. Entretanto, se após tudo isso, chegando ao término do grupo P-3, mesmo assim estiver se sentindo mal, o que fazer? Dar -lhe alta e mandá-lo embora? Não. Isso não seria cristão. Se o assistido declara estar mal, é porque ainda necessita do passe. É uma situação plausível, pois o próprio Armond relata casos excepcionais. Há aí uma questão de humanidade, de caridade mesmo.

No item 51 do livro *Lendo e Aprendendo (Na Semeadura III)*, tópico de mesmo número também inserido no texto *Comentando Pensamentos Construtivos*, pertencente à coletânea *Falando ao Coração*, nosso Irmão Edgard ensina que, “no atendimento a doentes e necessitados em geral, devemos ter sempre em vista que são eles como todos nós, seres humanos imperfeitos, em resgate de dívidas do passado. Além do tratamento espiritual recomendável, deve -se dar-lhes o conforto da boa vontade e da solicitude pessoal, evitando exigir deles esforços acima de suas possibilidades físicas e morais recusando mesmo colaboração, que ofereçam quando esta, no momento, se evidencia não suscetível de bom proveito”.

Digno de nota, igualmente, o item 73 de *Comentando Pensamentos Construtivos*, constante no referido livro *Falando ao Coração*, do mesmo autor: “na execução do trabalho de dar testemunho dos ensinamentos do Divino Mestre é essencial que o façamos com amor e espírito de fraternidade. O importante não é o resultado mesmo do trabalho, que passa a depender de outras interferências, mas sim o fato de haveremos cumprido nossa tarefa com sinceridade, humildade e desprendimento. Desta forma conseguiremos levar a bom termo as tarefas, seguindo firmemente nos rumos que nos forem traçados, sem preocupações com interesses outros que sua própria execução. E essa colaboração será meritória e sempre crescente porque, dia por dia, cresce o número de irmãos nossos necessitados de auxílio e de esclarecimento espiritual” (destaques nossos).

Em conversa com a sra. **Martha Gallego Thomaz**, médium que trabalhou durante anos com o Comandante, a mesma disse, nesse sentido, o seguinte: “**o médico deixaria de cuidar do doente só porque ele não tem cura? As criaturas portadoras de dolorosos débitos não têm condições de restabelecimento e por isto mesmo precisam de maior assistência para diminuir a dor. Notando-se dependência, encaminha-se ao A2**” (refere-se a um trabalho de esclarecimento doutrinário, existente na FEESP, semelhante às Sessões Doutrinárias).

No caso daqueles, contudo, que cultivam o hábito do pessimismo e da negatividade, é comum jamais se declararem bem, mas sempre com algum problema, de modo que os plantonistas devem ter sensibilidade para perceber essa situação, e, esclarecê-los com muito “tato”, nesse sentido, pois, às vezes, o fato que os trouxe ao tratamento já foi totalmente superado, de modo que é caso de alta. A percepção do grau dessa melhoria é sempre importante, e, caso o assistido insista nos passes, deve o plantonista anotar o que percebe na ficha. De qualquer forma, ao final da ordenação, os médiuns procurarão adentrar na questão e ver se não é caso de alta.

No caso daquele que se sente mal, deve ser examinada (na entrevista e até mediunicamente) a sua exata situação. Há **casos**, mormente **emocionais**, que a perduração do tratamento se justifica, porém não se constitui na regra. Há **questões cármicas**, igualmente, que demandam uma situação diferenciada, sendo que a necessidade do tratamento dá -se na medida de períodos de mais desequilíbrio, porém em se trabalhando a reforma íntima, os efeitos diminuem ou se estabilizam, podendo-se conviver com eles pacificamente, sem a necessidade do tratamento propriamente dito, pelo que vemos um exemplo desses por parte de Armond, o qual, diante de um caso cármico em que o assistido já se encontrava mais “estabilizado”, preceitua -lhe a “alta” (pág. 69 do livro *Prática Mediúnica*, 1ª edição, citado mais abaixo, na página 18).

Casos de doenças aparentemente sem cura, como câncer e Aids, mormente nos períodos mais dolorosos da doença, merecem atendimento caridoso visando pelo menos a minoria dos sofrimentos (pois a cura pode não ser possível por razão cármica) **e/ou a fortaleza espiritual do doente**. Há casos em que, inexplicavelmente pela Ciência oficial, o doente terminal deveria padecer de dores atrozes, porém tal não se dá. **Os passes nesse sentido, seriam um remédio recomendável, mesmo que a minoração da dor não seja permitida pelo Alto, para o reconforto daquele que, sentindo-se desamparado, encontra pessoas que o amparem, arrebanhando fluídica e vibratoriamente o que necessita para tirar forças de si mesmo e prosseguir na jornada sem revolta ou desespero**. Nesses casos, os passes continuariam, quiçá indefinidamente, por um período mais longo. **Seriam exceções plenamente justificáveis em nome da Caridade e da Consolação que a Doutrina Espírita tem também como importante objetivo, entre outros, preceituado por Jesus**.

Ainda nesse sentido, corroborando o que estamos dizendo, o Comandante ressalta (*in Curas Espirituais*, no citado *Prática Mediúnica*), referindo-se aos resultados da assistência espiritual: “as **influências cármicas, para resgates**, são sempre impedimentos sérios aos tratamentos em geral, feitos ou não por processos espirituais; e **nestes casos os resultados se reduzem a simples atenuações de sofrimento, por períodos mais ou menos prolongados, mais que tudo significando conforto moral, consolação, estímulos e convites à evangelização própria**” (pág. 55 de sua 1ª edição; grifos nossos).

Evidentemente que cada caso é um caso. Há casos em que mesmo estando em estado grave e irremediável de saúde, o doente pode estar mais equilibrado que um outro em melhor situação. Isso significa que **não** é a condição de paciente terminal em si que determina necessariamente a necessidade do passe.

O passe não dispensa o tratamento médico, havendo casos, inclusive, que só o tratamento médico resolverá, eis que a Medicina terrena é também uma Benção dos Céus (ainda que careça de muito progresso entre nós). E, de resto, quantos milhões de pessoas de outras religiões sequer conhecem os passes e, mesmo assim, não são abandonadas por Deus, e se curam?

Independente disso, cabe-nos atuar com caridade, devotamento, sensibilidade, disciplina, coerência de vida e profundo amor, procurando agir para com o próximo como gostaríamos que os outros agissem para conosco.

Em seu livro *Enquanto É Tempo* (no item 18: *Conselhos Aos Médiuns - I*), ensina Armond que os médiuns “devem exercitar continuamente a capacidade de doação de fluidos curadores, para a testemunhação indispensável, com devotamento e humildade, no campo do Consolador (...)”, além de, entre outras recomendações, “não se recusarem aos atendimentos, sempre que possível e realizarem-no sem restrições, tolerando sempre e nada exigindo, porque

assim como recebem, assim devem dar **o amor sem medida**; ele é como o sol que beneficia a todos, aquecendo e iluminando, porque é a essência de Deus em nós” (realce nosso).

E isso vale para os **trabalhadores** na condição de assistidos, os quais, embora mais conscientes, também podem se fragilizar, estando cada qual num patamar evolutivo, necessitando de mais ou menos ajuda. Nesse sentido, a sra. **Martha Thomaz**, em conversa conosco, também disse: “**é certo que casas religiosas e médiuns recebem ataques; mesmo porque ninguém atira pedras em árvores secas, mas naquelas que dão frutos; por isto mesmo os trabalhadores devem estar vigilantes na sua maneira de pensar e agir, tendo especial cuidado na sua reforma interior. Porém quando enfraquecerem, precisam de ajuda, que deve ser oferecida enquanto necessária**”.

A disciplina pela disciplina não leva a nada. Será mera exterioridade. O amor sem regramento constitui-se em desperdício de energia e viciamento. Sem o amálgama amor e disciplina os resultados não serão satisfatórios. O amor verdadeiro, “sem medida”, é sempre disciplinado. E a essência da verdadeira disciplina, em última análise, é amor.

12- Diz o livro *Vivência do Espiritismo Religioso* que, os participantes das SD são “os assistidos encaminhados, em processo de ‘alta’, ou algum encaminhamento especial, definido pelo Exame Espiritual, o que ocorre geralmente quando o assistido necessita de maior esclarecimento para melhor recepção e manutenção dos passes” (página 182 de sua 5ª edição). **Vale dizer que, mesmo antes da alta, aí também excepcionalmente, entendemos, desde que definido no Grupo Mediúnico, pode-se fazer, noutro dia da semana evidentemente, concomitantemente com os passes semanais, as Sessões Doutrinárias.**

13- Não obstante tudo o que disse Armond peremptoriamente e que transcrevemos até aqui, e, apesar de ele não se referir expressamente a exceções em tese (estabelecendo padrões diferenciados de tratamento para suicidas em potencial, por exemplo, ou aidéticos etc.), vem os o relato de algumas exceções, as quais estranhamente, inclusive, não obedecem até mesmo à ordenação tantas vezes por ele valorizada. Isso pressupõe a necessidade de muito estudo, reforma íntima e praticagem por parte de todos os trabalhadores, para o devido entendimento, a compreensão em profundidade para se saber o que fazer nesse ou naquele caso, e não se permitindo jamais que o que é exceção se torne regra. Todavia, qualquer situação excepcional depende do exame espiritual.

Vejam algumas dessas exceções:

- a) “Obsessão de 3º grau, com vampirismo sexual. a) Passe de limpeza padronizado. b) Reativação dos centros de força. c) Fluido amarelo -forte para a mente do doente. d) Fluido violeta para o genético do doente e, em seguida, azul -claro na coluna vertebral para acalmia do sistema nervoso central. e) Apelo verbal ao obsessivo visando o afastamento. f) Doação geral verde-claro com passes longitudinais. **Quatro atendimentos e, não havendo resultados positivos, encaminhar o doente ao Choque Anímico**” (in *Psiquismo e Cromoterapia*, capítulo VI, pág. 74 da 1ª edição; grifo nosso).

- b) “Artur Braga – Precárias condições físicas e morais. Trazia diagnóstico médico de úlcera duodenal e distúrbios conseqüentes. O exame espiritual revelou forte incidência de fluidos escuros na coluna, na região cardíaca e no ventre; freqüentara antes trabalhos inferiores e também os trabalhos comuns da Casa, bem como o **G1 (material)** sem resultados definitivos. Foi encaminhado ao **G3-C (espiritual)** com doutrinação de Espíritos e recomendação para prosseguir no tratamento médico material. Foi depois para um estágio no **G3-A (material)** e por fim a úlcera ficou reduzida a um simples espessamento da mucosa, que não impedia o ganha-pão material. Como os exames acusaram sempre FM (fundo mediúnico), isto é, sensibilidade mediúnica ou mediunidade potencial, sem tarefa encarnativa, **a evolução do tratamento era satisfatória e o doente teve alta porque era um caso cármico**” (destaques nossos; pág.69 da 1ª edição do livro *Prática Mediúnica*, pertencente ao texto: *Curas Espirituais*);
- c) “José Faria – O diagnóstico médico acusava uma disfunção renal com obstrução do rim direito, pela existência de uma pedra. O exame espiritual local revelou a pedra na parte alta do ureter e depósitos arenosos no rim e na bexiga. Sem tratamento espiritual anterior. O exame geral revelou manchas escuras no bulbo e na coluna até a região lombar, daí infletindo para os rins, o direito com **filamentos escuros para o exterior**. Acompanhando estes, localizou-se a origem da influenciação em um grupo de terreiro ligado a trabalhos inferiores. **Devido à urgência, foi encaminhado ao G3-B (espiritual) para doutrinação e desligamento de influências, com passes três vezes por semana, e ao mesmo tempo ao G3-A (material) para dilatação dos condutos obstruídos e dissolução dos depósitos, que foram sendo aos poucos (três trabalhos seguidos) eliminados nas matrizes espirituais, recomendando-se ao interessado, desde o princípio, que não se afastasse do tratamento médico material**” (idem, pág.69/70; grifos nossos).

Considerações:

No que toca à letra “a”, não podemos confundir o “apelo verbal ao obsessor visando o afastamento” com a doutrinação, onde há a incorporação da entidade e, até, eventual diálogo. Aqui, trata-se simplesmente de um apelo, onde, mais que tudo o amor deve estar presente, pois não deixa de estar havendo uma desobsessão. Trata-se de um roteiro específico de aplicação de P-3A nos casos de envolvimento espiritual. Mas o que se ressalta é que após os quatro atendimentos normais (= série), fala-se em encaminhar o doente ao CH. De fato, esse passe provoca um intenso choque emocional, tão forte que, por vezes, videntes relatam que a entidade pode chegar a desmaiar.

Na letra “b”, vemos que o doente iniciou no grupo de passes material, passou para o espiritual avançado (com doutrinação) e, em seguida, foi conduzido ao material avançado (como já comentamos anteriormente, nesse caso não houve cura, mas tão só uma melhoria e, como o caso era cármico, foi dada a alta). Sabemos que em caso de obsessão com perturbações físicas, não se trata primeiro do físico para não fortalecermos as ligações entre obsessor e obsidiado, pelo que primeiramente, no caso de simultaneidade, se cuida da perturbação espiritual e, depois, da perturbação física.

Na letra “c”, vemos que “devido à urgência” do caso específico, o doente foi encaminhado ao P-3B e ao P3A, simultaneamente, “com passes três vezes por semana”. Essa freqüência causa espanto, pois é o próprio Comandante quem diz que **não** devemos “**dar passes a pessoas que querem tomá-los todos os dias tornando-se, por fim, fanáticas ou maníacas, verdadeiras ‘papa-passes’, explicando que o passe por si mesmo nada resolve de definitivo; apesar de ser um precioso auxiliar de curas estas dependem, em grande parte, do esforço do próprio doente em se reformar**” (*in Prática Mediúnica*, no texto *Trabalhos Práticos de Espiritismo*, pág.131 da 1ª edição da coletânea). Sua preocupação com a viciação e a dependência, não obstante, não o impediu de preceituar nesse caso específico, passes espirituais e materiais simultâneos três vezes por semana!

Entendemos as mesmas como situações excepcionais (aliás, não abundam os casos de exceções à regra estabelecida, nos livros de Armond; esses e mais dois ou três se constituem na totalidade dos casos por ele mencionados que fogem à orientação geral), que demandam muito estudo e não podem de forma alguma se generalizar. De qualquer forma, dependem de exame espiritual.

Os estudos a fundo dos trabalhos P-3, da anatomia e fisiologia humana, da mediunidade, dos postulados doutrinários devem ser aprofundados mais e mais, com coerência de atitudes cristãs para termos o apoio e a inspiração dos Bons Espíritos, os verdadeiramente elevados, para a resolução dos problemas que se nos afiguram na prática da cura. Reza Armond que, “**nos trabalhos de cura os videntes são chamados a proceder a exames espirituais para determinação de perturbações físicas e psíquicas, o que impõe a necessidade de conhecimentos mais detalhados do perispírito, do qual a aura é uma espécie de espe lho**” (pág.78 da 1ª edição da citada coletânea, em *Curas Espirituais*).

Assim é que, os dirigentes de P-3A, e também de P-3B, entendemos, podem e devem fazer verificações para o direcionamento dos trabalhos sob a sua responsabilidade, chegando a escrever certas considerações que entendam importantes e colacioná-las à ficha do assistido, para posterior aprofundamento, se for o caso, pelo Grupo Mediúnico encarregado das consultas das fichas, eis que poderá haver casos, inclusive, que o assistido passará do fin al de um grupo-3 (A ou B) para o outro, com ou sem repetição da série anterior, conforme a situação. Isso, evidentemente, reforce-se, em caráter excepcional. Para tanto, mister se faz estudar profunda e perseverantemente. Aliás, como diz **Kardec**, “**o que caracteriza um estudo sério é a continuidade**”.

Esses conhecimentos não se conseguem de graça. Ressaltemos, inclusive, o fragmento tirado do texto *Histórico dos Trabalhos de Curas Espirituais*, contido no tão mencionado livro *Prática Mediúnica*, onde vemos que o trabalho de Edgard Armond não foi fácil: “(...) foi necessário estudar os problemas à medida que surgiam, com seus diferentes aspectos: formular processos de atendimento para assistências vultosas, e tratamentos especiais para as diferentes perturbações; testar resultados, após a necessária praticagem experimental; enfeixar tudo isso em palestras, artigos, monografias, compêndios, constituindo um sistema, cujas partes foram sendo publicadas nas devidas oportunidades; e formar dirigentes que, a seu turno, e exercitassem os trabalhadores na praticagem; e, somente após isso, oficializar cada processo ou tratamento, separadamente. Esse trabalho de organização, como é natural, durou anos, mas pôde ser levado a cabo com a cooperação devotada de inúmeros servidores, altamente dotados de mentalidade sacrificial, que lhes foi marca de aproveitamento no estágio que fizeram na Escola de Aprendizes do Evangelho; com esse precioso concurso resolveram-se as dificuldades, podendo-se oferecer à FEESP recursos amplos para o atendimento de quaisquer espécies de problemas da prática doutrinária nesse setor, sem temor a críticas, mesmo as do terreno científico”(pág.20 e 21 da edição mencionada).

Lembremos, por fim, que na introdução da 1ª edição do livro *Passes e Radiações*, em março de 1950, Armond esclarece que, outra coisa não objetiva que “**colocar ao alcance de todos, ainda dos menos aptos a esforços intelectuais, o pequeno rol de conhecimentos indispensáveis a uma prática judiciosa das radiações e dos passes (...)**”, bastando aos espíritas, prossegue mais à frente, “que assimilem **os elementos básicos do conhecimento**, para não agirem às cegas ou inconscientemente (...)”, e reforça, por fim, que o livro visa, justamente, “fornecer os **conhecimentos essenciais para essa realização**” (destaques nossos). Ou seja, o que esse livro nos ministra é o básico. Muitos dos conhecimentos referentes à matéria que Armond possuía, ele entendeu por bem não colocar aqui, mas tão só quis ser conciso e o mais didático possível, para o aproveitamento e a utilidade de todos. Esses conhecimentos, bem como as nossas atuais informações sobre mediunidade são o “be-á-bá” ou o “abc” dos conhecimentos da matéria que teremos daqui há setecentos ou oitocentos anos.

14- Assim, complementando o esquema procedimental de encaminhamento de assistidos na Assistência Espiritual (item 9), teríamos o seguinte:

- a) Chegando-se ao término da série de P-3A ou P-3B, se há o restabelecimento do assistido, dá-se a alta e o encaminhamento às Sessões Doutrinárias, o que aliás, é praxe nos casos de alta em qualquer momento da ordenação de passes.
- b) Se o assistido não se sente ainda bem, mas melhor, a ficha é enviada ao Grupo Mediúnico para se avaliar se é caso de alta ou prosseguimento no mesmo ou em outro trabalho.
- c) Se o assistido está decididamente mal, a ficha é enviada para o Grupo Mediúnico para avaliar quanto ao prosseguimento no mesmo ou em outro trabalho.

Em qualquer desses casos, a simultaneidade das Sessões Doutrinárias é recomendável, se possível ao assistido o seu comparecimento. Essa simultaneidade, eventualmente, poderá até ser detectada em exame espiritual anterior ao fim da ordenação normal, excepcionalmente, quando se percebe a necessidade de um maior esclarecimento para a melhor recepção dos passes, orientando -se o assistido nesse sentido.

Outras soluções, também serão avaliadas em Exame Espiritual, como, por exemplo, simultaneidade de tratamentos avançados.

Nos casos de moléstias cármicas, havendo a melhoria relativa, poderá ser dada a alta, conforme o aprofundamento do exame espiritual relativamente ao caso. Se, contudo, for caso de doença grave, fatal, degenerativa ou não, poderá haver o prolongamento do tratamento de forma indefinida, geralmente P3A, e, eventualmente, com outra situação aventada em exame espiritual, com sobeja confirmação. Essa “indefinição”, contudo, não é ilimitada, mas restrita. Registre -se que cada caso é um caso.

Os dirigentes dos Grupos P-3, materiais ou espirituais, poderão se valer de informações contidas nas fichas do assistido, para orientar os tratamentos, bem como das percepções mediúnicas necessárias, além de agregar às fichas, quando entenderem necessário, informações colhidas nessas verificações espirituais realizadas no decorrer do tratamento (que lhes são próprias até para orientar o mesmo), com a finalidade de colaborar com o aprofundamento dos exames realizados no Grupo Mediúnico, o qual, procurará uma confirmação conclusiva. Tal

enriquecerá, também, o estudo dos casos difíceis e de soluções excepcionais.

Tal está de acordo com o que diz Armond: “**Após os comparecimentos prescritos, convém consultar o plano espiritual para alta ou prosseguimento, no mesmo ou em outro qualquer trabalho, para remate ou consolidação, salvo os casos de mediunidade-tarefa, quando, então, ainda será essencial e imprescindível o desenvolvimento mediúnico em cursos ou escolas apropriadas”** (in *Prática Mediúnica*, no texto *Curas Espirituais*, pág.65 da 1ª edição da coletânea; destaque nosso).

Evidencie-se o que é dito quanto ao prosseguimento no mesmo ou em outro qualquer trabalho: “**para remate ou consolidação**”. Nosso Irmão quer, pois, como sempre, evitar prolongamentos desnecessários.

No decorrer do tratamento com os passes, se o assistido vai se sentindo melhor que das vezes anteriores, mas não se restabelece total mente nunca, devem os médiuns perceber o grau dessa melhoria para verem se não é caso de alta, pois, às vezes, o doente já melhorou da questão inicial que o levou a Casa, e, os dissabores da vida encarnada podem deixá-lo “baixo astral”, numa atitude corriqueira de negativismo ou pessimismo, que uma simples mudança de padrão corrige. Na verdade só necessita de esclarecimento.

No mesmo livro referido, pág.70, o Comandante diz com relação aos dirigentes dos Grupos P-3: “**Os dirigentes destes trabalhos devem ser pessoas competentes e discretas; a capacidade, a prática, os conhecimentos que possuírem exercerão real influência no êxito dos tratamentos e facilitarão grandemente o trabalho dos operadores do Plano espiritual**”. E em *Psiquismo e Cromoterapia*, pág.67 da 1ª edição: “(...) o conhecimento das cores pelos dirigentes de trabalhos e de sua aplicação judiciosa, aumenta o teor dos bons resultados porque a orientação certa e exata enriquece, por assim dizer, a potência do fluxo fluídico do doador, principalmente quando é necessário agir em órgãos internos, que exigem fluxos mais penetrantes e específicos” (grifo nosso).

No livro *Passes e Radiações*, no capítulo 15 (Pasteur 3-B), diz Armond: “**A ficha do doente deve acompanhá-lo, com as indicações adequadas, informando sobre precedentes e tratamentos anteriores**” (página 115 da 3ª edição; grifo nosso). E, prossegue, após descrever o procedimento adequado nesses trabalhos avançados de desobsessão: “(...) **todas estas atividades se processam mantendo desde o início franco entendimento com os espíritos protetores ou auxiliares do trabalho, com ajuda, quando necessário, do intermediarismo mediúnico, com auxílio do qual se faz também o controle da situação em geral**” (página 116).

15- Em todo esse esquema avulta uma participação mais importante da figura do plantonista ou entrevistador. Relatamos, assim, alguns fragmentos do capítulo 27 (Serviço de Plantão e Encaminhamento) do livro *Passes e Radiações*:

“Os plantonistas devem considerar a necessidade de darem aos benfeitores espirituais, tempo suficiente para examinarem os doentes ou necessitados onde estiverem, antes de formularem suas respostas às consultas feitas” (referência ao prazo de 48 horas).

“Quanto aos entrevistadores que encaminham os doentes e necessitados, devem eles possuir capacidade para o desempenho dessa delicada e importante tarefa, da qual depende o benefício a distribuir e, até mesmo, o bom nome da Casa e da própria Doutrina.

Um bom entrevistador deve preencher os seguintes requisitos:

- a) conhecer a Doutrina, teórica e praticamente;
- b) possuir noções ligeiras de anatomia e fisiologia humanas;
- c) possuir delicadeza de trato e saber indicar a orientação certa a dar em cada caso;
- d) ter discrição e bom senso;
- e) não fazer diagnósticos apressados por conta própria ou recomendar remédios;
- f) possuir uma capacidade mínima de recepção telepática.

Para esse serviço especial deve-se dar preferência a colaboradores que tenham cursado a Escola de Aprendizes do Evangelho, Curso de Médiuns ou Triagem Mediúnica.

Somente com algum aprendizado pessoal e boa reforma moral, poderão encaminhar diretamente, quando necessário, consulentes a trabalhos práticos, porque para isso precisarão discernir, com propriedade, a natureza de cada caso, a urgência dos atendimentos e o trabalho mais adequado na seqüência estabelecida na Casa”.

Armond abre uma possibilidade, também excepcional, de o plantonista encaminhar diretamente, “quando necessário”, para determinado trabalho, **de acordo com a ordenação estabelecida**, analisando-se a **natureza** e a **urgência** do caso. Isso pressupõe preparo e capacitação plena (moral e técnica) de todo o corpo de plantonistas. Enquanto essa situação ideal não for atingida em plenitude, a Direção da Casa estabelecerá o procedimento cabível à espécie.

O Capítulo 26 do livro *Passes e Radiações*, fala que “as fichas dos assistidos serão preenchidas por **entrevistadores capacitados**, através de informações objetivas colhidas do doente” (realce nosso). Diz também que, “além dos dados pessoais, serão colhidas informações sobre doenças físicas ou perturbações espirituais (aspectos gerais e localização)”.

16- Quanto ao tratamento de crianças, diz o Comandante:

“1 – Doenças Materiais

Normalmente as doenças materiais em crianças resultam de: a) doenças cíclicas, próprias da idade; b) poluição ambiental, desnutrição, clima etc.

2- Perturbações espirituais

Por serem as crianças, em tenra idade, inconscientes e irresponsáveis, não se verificam propriamente as perturbações espirituais, salvo as exceções observadas em cortiços e favelas. Os problemas espirituais decorrem de:

- a) infestação do ambiente;
- b) chamamento a familiares;
- c) encarnações completivas” (conforme capítulo 16 de *Passes e Radiações*).

Esses tratamentos são o P-4A (Tratamento Material) e o P-4B (Tratamento Espiritual). Vemos também no texto *Curas Espirituais, in Prática Mediúnica* (pág.67 da 1ª edição, consolidada):

“O tratamento para crianças depende de organização especial porque elas não devem ser misturadas com adultos cujas vibrações e fluidos mais pesados lhes seriam nocivos à sensibilidade; seguir mais ou menos o seguinte esquema:

- a) exames espirituais e tratamento em separado, tendo em vista que suas perturbações espirituais são, via de regra, reflexos das condições ambientes familiares;**
- b) tratamento também para os pais com esclarecimentos sobre os cuidados a ter na educação dos filhos e na formação de seu caráter, face aos ensinamentos evangélicos (...).”**

O Comandante Armond nada mais fala a respeito. Então usemos de analogia. No primeiro dia em que a criança vem ao Centro, de acordo com a percepção do plantonista, ele mesmo, diante do caso concreto determinará se o passe mais adequado para aquele dia será o material ou o espiritual (lembrando que aqui não há um similar do P2, com características espirituais e materiais). Observado o prazo de 48 horas, o Grupo Mediúnico acenará com o passe captado, começando-se então a série.

Dentro da regra geral e, lembrando que normalmente, o problema espiritual não está na criança, mas no ambiente ou na família, e visando-se também a não-dependência ao passe, o tratamento não deve se estender indefinidamente. Assim, com base no que ocorre para adultos, poderá caber pelo menos uma repetição de cada passe específico (cerca de dois meses teria a duração do tratamento). Seria a regra. As exceções serão determinadas pelo grupo mediúnico, que, a cada final de série, estabelecerá se é caso de Alta, repetição do passe, mudança do mesmo, ou eventual simultaneidade. Aqui, as doenças materiais terão, cremos, mais prolongamento que as espirituais, se for o caso.

Lembramos que as mães, em regra, têm a tendência a querer o passe para os filhos ao menor resfriado. Nesse sentido, elas devem ser orientadas que o passe jamais dispensa o tratamento médico (como entre os adultos), constituindo-se em um adjutório, não devendo ser encarado como uma panacéia milagrosa, pelo que não é bom fornecer substrato psíquico que venha a causar dependência. Em muitos casos, sabemos, o passe fará “maravilhas”, mas não é o seu prolongamento desnecessário que trará melhores resultados.

Em termos gerais, segundo o nosso entendimento, eis a estrutura dos procedimentos de encaminhamento dos assistidos nos trabalhos da Assistência Espiritual, segundo Edgard Pereira Armond. O aperfeiçoamento constante no estudo, na reforma íntima e na respectiva prática pelos passistas, recepcionistas, encaminhadores, plantonistas, médiuns e preletores, com a devida disciplina nesse regramento procedimental, propiciará, acreditamos, grande qualidade aos trabalhos.

Julho/2003
Diretoria de Assistência Espiritual
Paulo R. G. Marinho